

Fenati, M. C. J. (ed.) (2023). *Gratuita 4: animais.* Edições Chão da Feira. 240 pp.

 <https://doi.org/10.21814/anthropocenica.6647>

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Universidade Federal da Paraíba
Brasil
awsvasconcelos@gmail.com
ORCID: 0000-0002-5472-8879

Em *Gratuita 4: animais*, a organização de Maria Carolina Junqueira Fenati propõe uma interlocução entre o literário e o não humano, numa tessitura que desloca as fronteiras do texto para zonas de incerteza e experimentação. O projeto da revista, já conhecido por sua atitude transgressora diante dos cânones, ganha fôlego renovado ao escolher como eixo temático a figura do animal, não como mero símbolo ou alegoria, mas como instância que tensiona a própria noção de escrita e de recepção. O volume, composto por cantos, narrativas indígenas, poemas, contos e ensaios, configura-se como um espaço de encontro entre temporalidades e geografias distintas, no qual o animal emerge como vetor de reflexão sobre a condição humana e suas possibilidades de reinvenção.

A primeira parte do livro, dedicada aos povos ameríndios, apresenta uma série de cantos e narrativas que, longe de serem meros registros etnográficos, funcionam como dispositivos de deslocamento da perspectiva eurocêntrica dominante na tradição literária ocidental. Esses textos, ao invés de reduzirem o animal a um objeto de conhecimento ou a um recurso estilístico, o situam como sujeito de ação e de voz, capaz de estabelecer relações complexas com o humano. O que se observa, portanto, é uma inversão do olhar: não é o homem que narra o animal, mas o animal que, de certo modo, narra o homem, desafiando as hierarquias estabelecidas entre sujeito e objeto, entre cultura e natureza. Tal procedimento, além de questionar a centralidade do humano no ato de criação literária, sugere que a literatura pode ser um espaço de negociação e de encontro entre diferentes formas de vida, onde o animal não é apenas tema, mas também interlocutor.

A segunda parte do volume reúne poemas e contos inéditos de autores brasileiros contemporâneos, como Micheliny Verunschik, Edimilson de Almeida

Pereira e Ana Martins Marques, entre outros. Esses textos, embora diversos em suas abordagens, compartilham uma inquietação comum: como a linguagem pode dar conta da experiência do animal, sem reduzi-lo a uma projeção humana? A resposta parece passar por uma diluição das fronteiras entre o eu e o outro, entre o que é humano e o que é animal. Em muitos desses escritos, o animal aparece como figura ambígua, ora como presença concreta, ora como fantasma que assombra a consciência do narrador. O resultado é uma literatura que não se contenta em representar, mas que busca, através da experimentação formal, criar zonas de contato e de conflito entre diferentes modos de existência. O animal, nesse sentido, funciona como catalisador de uma crise de representação, que obriga o escritor a repensar as próprias ferramentas do fazer literário.

A terceira parte do livro traz textos de autores sul-americanos, em traduções inéditas, escritos ao longo do último século. Aqui, a questão do animal se desdobra em múltiplas direções: da domesticação à rebeldia, do instinto à política, do imaginário coletivo à afirmação de formas de vida. O que se destaca é a capacidade desses escritos de tensionar as fronteiras entre o humano e o não humano, colocando em xeque a ideia de uma natureza separada da cultura. Em muitos desses textos, o animal não é apenas objeto de reflexão, mas agente ativo de transformação, capaz de desestabilizar as certezas humanas e de propor novas formas de relação com o mundo. O animal, nesse sentido, não é mais um outro distante, mas um outro próximo, com quem é preciso negociar, aprender e conviver.

O conjunto da obra revela, portanto, uma preocupação central: como a literatura pode responder ao desafio de pensar o animal, não como mero tema, mas como instância que questiona e reconfigura o próprio ato de escrita. A resposta parece passar por uma reinvenção da linguagem, capaz de dar voz ao silêncio animal, de traduzir o inefável, de criar espaços de encontro e de conflito entre diferentes formas de vida. O animal, nesse sentido, não é apenas o tema do livro, mas seu princípio organizador, o vetor que orienta a seleção e a disposição dos textos, que molda o olhar do leitor e que desafia a própria noção de literatura.

A configuração do volume, deliberadamente fragmentária e pautada por uma interlocução fluida entre os textos, reafirma o princípio orientador da obra. Longe de almejar uniformidade temática ou formal, os escritos se articulam por um movimento compartilhado: o de se dirigir ao incômodo, ao que desestabiliza, ao que desafia as zonas de conforto e os consensos estabelecidos. O vínculo entre as partes não se constrói por identidade, mas pela convivência entre contrastes, por perspectivas que se entrelaçam ou se distanciam ao longo da leitura. Trata-se, portanto, de um livro que recusa conclusões fechadas, preferindo lançar questões, tensionar ideias e provocar abalos nas formas consolidadas de pensamento.

A escolha do tema dos animais, longe de ser arbitrária, responde a uma necessidade urgente de repensar as relações entre humanos e não humanos, num momento em que a crise ecológica e a precarização da vida exigem novas formas de imaginação e de ação. A literatura, nesse contexto, não pode se limitar a refletir sobre o mundo, mas precisa intervir nele, criando espaços de resistência e de reinvenção. O animal, nesse sentido, não é apenas um tema, mas um desafio, uma provocação, uma abertura para o possível.

A leitura de *Gratuita 4: animais* exige, portanto, uma postura ativa, um engajamento crítico que não se contenta com a mera contemplação, mas que busca participar do jogo de forças que atravessa o texto. O leitor é convidado a se deslocar, a abandonar as certezas, a se colocar no limiar entre o humano e o não humano, onde as fronteiras se tornam porosas e onde novas formas de relação podem emergir. O animal, nesse sentido, não é apenas o tema do livro, mas o seu leitor ideal, aquele que aceita o desafio de pensar com o outro, de inventar novas formas de leitura e de escrita.

A diversidade de vozes e de perspectivas que compõem o volume também é digna de nota. Não há aqui uma única maneira de pensar o animal, mas sim uma multiplicidade de abordagens, que se complementam e se tensionam, criando uma rede de sentidos em constante movimento. O animal, nesse sentido, não é uma figura estável, mas uma presença que se transforma, que se reinventa a cada texto, a cada leitura.

A aposta na gratuidade, presente no título da revista, também merece ser destacada. A literatura, em *Gratuita 4: animais*, não é entendida como mercadoria, mas como dádiva, como gesto de partilha e de invenção do comum. O livro, nesse sentido, não se destina apenas a um público específico, mas a todos aqueles que desejam se aventurar no limiar entre o humano e o não humano, entre a palavra e o silêncio, entre a história e o mito.

A experiência de leitura proposta pelo volume é, portanto, marcada pela abertura e pela indeterminação. Não se trata de um livro que oferece respostas prontas, mas de um espaço de experimentação, onde o leitor é convidado a se colocar em movimento, a se deixar afetar pelo animal, a se reinventar a cada página. O animal, nesse sentido, não é apenas o tema do livro, mas o seu princípio de leitura, o vetor que orienta a experiência e que desafia a própria noção de sentido.

A montagem do volume, com sua disposição descontínua e sua aposta na vizinhança indeterminada entre textos, reforça essa proposta. Não há aqui uma linearidade, uma progressão, mas sim um movimento de idas e vindas, de encontros e desencontros, que reflete a própria natureza da experiência literária. O leitor é convidado a se perder, a se encontrar, a se reinventar a cada página, a cada texto. O animal, nesse sentido, não é apenas uma presença, mas um modo de leitura, uma forma de estar no mundo.

A experimentação formal, presente em todos os textos, também é digna de nota. Não há aqui uma linguagem transparente, capaz de capturar o animal em sua totalidade, mas uma linguagem que se faz e se desfaz, que se fragmenta, que se dobra e se desdobra, buscando traduzir o inefável e o irrepresentável. A literatura, nesse sentido, não é apenas um meio de representação, mas um espaço de invenção, onde o animal pode emergir como força criadora, como agente de transformação.

Como considerações finais, pode-se afirmar que *Gratuita 4: animais* configura-se como uma experiência editorial singular, que desafia os limites da literatura ao propor um encontro radical com o outro não humano. Longe de oferecer uma visão unívoca ou domesticada da animalidade, o volume se estrutura como um campo aberto de experimentação, onde múltiplas vozes e formas literárias se entrecruzam na tentativa de escutar aquilo que escapa à linguagem ordinária. Ao recusar tanto a domesticação simbólica do animal quanto sua instrumentalização estética, a revista propõe uma reconfiguração ética e política do gesto literário, comprometida com a escuta, com o risco e com a abertura ao desconhecido. Nesse sentido, a obra não apenas amplia o repertório da literatura contemporânea brasileira e sul-americana, como também afirma a potência do literário como espaço de resistência, de criação e de reinvenção das formas de vida.